

Transnacionais e transgênicos

Antônio Inácio Andrioli*

Resumo: No decorrer do desenvolvimento capitalista, também a semente tornou-se uma mercadoria. Enquanto, historicamente, a semente foi para o agricultor, apenas parte guardada da última colheita, atualmente ela tornou-se mais um insumo que precisa ser comprado. Sob uma nova ótica, as possibilidades oferecidas pelos transgênicos aprofundam a mercantilização das sementes, alterando, assim, o seu valor de uso, de tal maneira que acabam por gerar relações cada vez mais dependentes. Juntamente com a semente transgênica, os agricultores acabam comprando, necessariamente, o controle e a determinação externos à sua propriedade. De fora, é determinado o que deve ser cultivado, que insumos serão utilizados no processo de produção, e quanto, enfim, pode ser lucrado.

Palavras-chave: Globalização, monopólio, dependência



No decorrer do desenvolvimento capitalista, também a semente tornou-se uma mercadoria. Enquanto, historicamente, a semente foi para o agricultor, apenas parte guardada da última colheita, atualmente ela tornou-se mais um insumo que precisa ser comprado. Sob uma nova ótica, as possibilidades oferecidas pelos transgênicos aprofundam a mercantilização das sementes, alterando, assim, o seu valor de uso, de tal maneira que acabam por gerar relações cada vez mais dependentes. Juntamente com a semente transgênica, os agricultores acabam comprando, necessariamente, o controle e a determinação externos à sua propriedade. De fora, é determinado o que deve ser cultivado, que insumos serão utilizados no processo de produção, e quanto, enfim, pode ser lucrado.

1. Os interesses das multinacionais

A disseminação dos transgênicos está inserida no contexto da modernização capitalista da agricultura, a qual iniciou, particularmente, a partir da década de 1950, e criou a base para a crescente dependência dos agricultores, através de insumos das multinacionais da indústria química. A chamada “revolução verde” tentou propagar, globalmente, a necessidade do aumento da produção agrícola para combater a fome. Desta forma, o melhoramento genético de sementes poderia contribuir, desenvolvendo variedades adaptadas a determinados locais, as quais seriam mais produtivas e mais resistentes contra doenças e pragas. Contribuiriam, para isso, o uso de tecnologias “modernas”, tais como o adubo químico e os “defensivos agrícolas”. Isto, combinado com o uso de máquinas agrícolas, elevaria a produtividade das propriedades rurais e do trabalho. Assim, a chamada “modernização” da agricultura representava uma oportunidade de

* Doutor em Ciências Econômicas e Sociais pela Universidade de Osnabrück (Alemanha). Professor do Mestrado em Educação nas Ciências da Unijuí (Rio Grande do Sul) e do Instituto de Sociologia da Universidade Johannes Kepler de Linz (Áustria). Autor, entre outros, do livro *Transgênicos: as sementes do mal. A silenciosa contaminação de solos e alimentos*, editado em 2008 pela Editora Expressão Popular. Maiores informações sobre o autor estão disponíveis no site www.andrioli.com.br

expansão da venda de tratores, colheitadeiras, adubos e “defensivos agrícolas”. Com a crescente crise das monoculturas, iniciou-se a procura das multinacionais por possibilidades para continuar controlando o mercado agrícola e, ao mesmo tempo, garantir a comercialização de seus produtos.

2. O monopólio como meta

A transgenia acaba envolvendo enormes investimentos na pesquisa, obtendo seus lucros através de royalties (taxas sobre o uso de tecnologias) e da venda de agrotóxicos. Com o objetivo de dividir entre si o “mercado da alimentação”, poucas multinacionais se mantiveram no mercado para investir maciçamente na transgenia, na expectativa de que seja um bom negócio. Para tanto, a maioria das multinacionais da química aliaram-se comprando as mais importantes empresas produtoras de sementes. Assim, as maiores transacionais da indústria química (Monsanto, Bayer, Syngenta, BASF e DuPont), por intermédio de enormes investimentos em pesquisa, tentam cooptar cada vez mais pesquisadores e universidades públicas para os seus projetos.

Para a Monsanto, tratava-se de uma questão de “vida ou morte”. A patente para seu produto mais importante, o herbicida glifosato, havia expirado em 2000, e a multinacional apostou em sua estratégia de melhorar sua situação econômica através de sementes resistentes a herbicidas. Das variedades transgênicas existentes no mercado, a Monsanto possui 90% dos direitos de patentes. Por isso, a liberação do cultivo da soja transgênica no Brasil foi importante para a Monsanto, para eliminar mercados constantes para a soja convencional no mundo, forçando, assim, os consumidores europeus a aceitarem os transgênicos.

2. A contaminação como tática

Para que os transgênicos se impusessem como “obrigatórios” na agricultura, introduziu-se a tática da contaminação de lavouras através de sementes contrabandeadas. Neste sentido, a estratégia é aplicada, propositalmente na América Latina, concretizando-se pelos seguintes passos: a) acostumar os agricultores ao uso de agrotóxicos; b) influenciar a pesquisa pública, particularmente, pelo financiamento de pesquisas e instituições de pesquisa, bem como pela conexão com os institutos de pesquisa e suas direções; c) adquirir empresas produtoras de sementes nos países e monopolizar sua produção; d) escolher uma região e aguardar a contaminação (neste caso, a Argentina foi a escolhida na América Latina); e) ganhar, estrategicamente, pesquisadores e políticos para a causa da multinacional; f) instalar uma rede de técnicos parceiros, através da criação de empresas de assistência técnica que trabalhem em função da multinacional ou de seu financiamento; g) promover enormes campanhas de publicidade, particularmente na TV, no rádio e nos jornais; h) escolher, como propriedades-modelo, agricultores bem-sucedidos nos municípios e apoiá-los; i) criar fatos que diminuam argumentos críticos do público em geral; j) promover ofertas baratas para agrotóxicos e sementes (isto é, inicialmente livres de royalties); k) forçar condições legais pelo trabalho de lobby e da influência sobre parlamentos e governos; l) conquistar organizações parceiras para o controle: as cooperativas e outras empresas agrícolas, incumbidas da compra da produção e do fornecimento de insumos (particularmente sementes e agrotóxicos), que, pela participação, estejam dispostas a cobrar os royalties dos agricultores.

A oportunidade das multinacionais em terem, na América Latina, condições ideais para criar uma aceitação entre os agricultores sem terem de temer uma resistência organizada

por parte dos consumidores e governos, explica os avanços atuais de plantas transgênicas no continente. Por detrás disto, reconhece-se uma estratégia clara voltada à expansão dos produtos transgênicos no mercado mundial. A soja e o milho representam as plantas transgênicas mais importantes. Já em 1994, a Monsanto obteve a licença para o cultivo de soja resistente a herbicida, a soja Roundup Ready, cuja primeira produção chegou à Europa em 1996, sob fortes protestos de organizações ambientalistas e de consumidores, causando o primeiro grande conflito em torno das plantas transgênicas. A seguir, o cultivo da soja RR foi também liberado no Japão, no Canadá, na Argentina e no México. No Brasil, a Monsanto iniciou suas pesquisas em 1995 e, já a partir de 1999, a empresa tentou introduzir o cultivo comercial.

3. A nova fase de exploração na agricultura

Governos e empresas dos países industrializados, assim como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, ressaltam que, em função de sua riqueza em recursos genéticos, países em desenvolvimento teriam uma chance de atrair investimentos e elevar suas exportações, melhorando, assim, sua balança comercial, podendo honrar o pagamento da dívida externa. No entanto, para que os investimentos das empresas multinacionais efetivamente fluam aos países em desenvolvimento, foi importante que a legislação possibilitasse formas de garantir seus lucros. Isto é exatamente o que o Acordo sobre Aspectos dos Direitos de Propriedade Intelectual relacionados ao Comércio realiza, quando trata do direito à privatização de invenções tecnológicas. E é disso que se trata, primeiramente, nas negociações globais da Organização Mundial do Comércio, quando se refere à “diminuição de restrições comerciais” na área da transgenia. Condições políticas e jurídicas referentes à temática da biotecnologia são negadas para que ocorra uma “desregulamentação simpática à indústria”.

O aprofundamento da dependência do hemisfério sul aos países do hemisfério norte tem uma importância política determinante no debate dos transgênicos, considerando que com a tecnologia transgênica as indústrias multinacionais apresentam um grande interesse na diversidade de recursos genéticos existentes no hemisfério sul. A divisão internacional do trabalho continua sendo mantida e aprofundada. Enquanto os países em desenvolvimento se concentram na exportação de matéria-prima, os países industrializados se ocupam com produtos manufaturados. Deduz-se disso que multinacionais do Norte estariam autorizadas, por meio de direitos de patentes, a apropriar-se de seres vivos e de conhecimentos tradicionais do Sul, de desenvolver produtos a partir disso e, mais, de oferecê-los aos mesmos países como uma nova invenção, exigindo, assim, o pagamento de royalties por seu uso. Trata-se, aqui, da exploração dos países periféricos por intermédio de novos meios, sendo que as crises monetárias e o endividamento os conduzem a um beco sem saída, aumentando a dependência da periferia dos centros econômicos.

Mediante a concentração no âmbito da tecnologia agrícola, cresce o potencial de pesquisa e investimentos das multinacionais. Em função de sua posição oligopolista e dominante no mercado, elas determinam a formação do preço de novos produtos técnicos e influenciam as decisões dos agricultores na escolha e na utilização da tecnologia. O potencial de expansão da indústria agrícola no setor da pesquisa tecnológica torna atraentes os investimentos, na medida em que os direitos de patente possibilitam a apropriação privada de importante parcela dos resultados do desenvolvimento das forças produtivas. A persistência do pequeno agricultor, neste

sentido, é vista como chance de mercado para a oferta de produtos tecnológicos, não sendo eliminado em completo enquanto ela ainda apresenta uma utilidade para o capital, isto é, enquanto contribui para a sua acumulação.

A transgenia na agricultura é uma estratégia global, com vistas ao controle de toda a produção de alimentos, apresentando grandes oportunidades de mercado, particularmente para algumas multinacionais. A esperança das corporações do setor químico num novo período de prosperidade através das descobertas da biotecnologia é incentivada pelo apoio financeiro dos governos de países industrializados, pois, para eles, trata-se da manutenção da competitividade de sua indústria química, ainda que se trate de um dos setores de menor intensidade de trabalho, sem falar dos riscos para a natureza e a saúde humana.

A privatização de recursos naturais e de conhecimentos em prol de multinacionais agrícolas e latifundiários aprofunda a desigualdade social, diminuindo as chances de resistência individual dos pequenos produtores. Enquanto o capital (em especial, os insumos, os créditos e a estrutura de processamento e comercialização da produção agrícola) é cada vez mais monopolizado, os pequenos produtores estão sob a crescente pressão de concorrer entre si com tecnologias. O uso de plantas transgênicas, as quais servem aos interesses das multinacionais que patenteiam a semente, conduzem a uma monopolização inédita do mercado agrícola, assim como a uma maior inserção das relações capitalistas na agricultura familiar e, conseqüentemente, a uma exclusão ainda maior dos pequenos agricultores.